

Do rito judeu.

(Para a revista Shalom, S.Paulo)

Quem escreve estas linhas esta tao afastado da vida ritual judia que nem sequer se lembra das datas das Grandes Festas. No entanto, (e talvez por isto mesmo), se ve existencialmente confrontado com o problema da sua identificacao enquanto judeu. Nao apenas por causa dos desafios externos, (Israel, renascimento do antissemitismo), mas sobretudo por causa de uma indefinivel necessidade interna. Pois o artigo seguinte procurara articular a conclusao penosa do seu confronto com o problema. Esta: o judaismo e, essencialmente, forma de vida ritual, (em significado sui generis do termo "rito"), e tudo mais, como "religiao", "nacao", "cultura", ou "comunidade de destino", nao passa de rotulos que escondem a essencia do judaismo.

O rotulo mais enganador e o da "religiao", e precisa ser eliminado, para que apareca a essencia do judaismo. "Religiao" e categoria romana, assumida pelo cristianismo, e inteiramente alheia ao judaismo. Significa, em Roma, elo que liga o homem a Romulo, e, atravez ele, a todas as divindades, e destarte transforma o homem em cidadao romano. A cidade e consequencia dos elos secundarios que unem os religados a Romulo: comunidade religiosa. Pois tal elo entre o homem e Romulo e publico, mas vai sendo interiorizado pela "fe" no significado romano deste termo. Podemos captar tal significado na afirmativa poetica "fidem rectumque colebant"= colhiam e cultivavam a fe e o certo. A fe e o recolhimento do publico sobre o privado, religiao interiorizada. O cristianismo, ao se romanizar, assume tudo isto. "Religiao" significa agora elo que liga o homem ao Cristo, e, atravez ele, a Deus. "Fe" e a interiorizacao deste elo. E cristao e quem participa da comunidade destarte ligada ao Cristo pela fe, pela interiorizacao do elo. Pois quando se fala em "religiao" judia, em "fe" judia, em "culto" judeu, esta se perdendo a essencia judia, e nenhum judeu autentico se reconheceria sob tais categorias.

A chave para a captacao da essencia do judaismo e o conceito que o judaismo tem, explicita- e implicitamente, do paganismo. Resumindo radicalmente, paganismo e vida em busca de recompensa e em fuga do castigo. Vida na qual sacrificios sao recompensados, e crimes punidos. O que caracteriza tal vida e que todo ato tem carga valorativa. Viver e movimentar-se no mundo, e o mundo esta cheio de deuses. Com todo movimento, o homem esbarra contra um deus. E o deus se vinga por ter sido perturbado, a menos que seja propiciado. A vinganca do deus vai restabelecer a ordem perturbada. O sacrificio antecipa a retribuicao punitiva. Destarte o mundo vai se re-equilibrando constantemente. E um mundo do eterno retorno, denso de valores. E a vida nele e circular e angustiada. E o significado da vida lhe e conferido pelo mundo. Viver e descobrir o significado da vida: magia.

O judaismo rasga, de golpe, tal mundo, e revoluciona, de golpe, tal vida. Nega a eternidade do mundo, ao postular sua criacao ex nihilo; historiciza o mundo. Nega a densidade do mundo, ao abrir nele o vacuo do sabado, essa janela aberta para o transcendente. E nega que o mundo confere significado, ao impor ao homem de dar "nomes", significados as coisas do mundo. Mas o judaismo nao o faz especulativamente, gracias a alguma cosmologia que substitua o modelo pagao do mundo por outro modelo. O judaismo o faz ao revolucionar a vida.

O mundo se historiciza, se abre, e deixa de ser significativo, porque o judaismo revoluciona a vida de um pequeno grupo de homens. E tal modificacao da vida se deve, no fundo, a uma re-interpretacao revolucionaria do rito da magia. O gesto ritual deixa de ser sacrificio que visa propiciar um deus ofendido, e passa a ser gesto gratuito, absurdo. Gesto que nada visa. Gesto executado segundo modelo rigoroso, modelo que a nada serve. Gesto eminentemente pratico, cuja praxis e pura gratuidade. Na medida em que a vida vai sendo estruturada, em seus minimos detalhes, por este tipo de rito, o mundo eterno, denso e significativo do paganismo vai sendo explodido. O rito judeu vai expulsando os deuses do mundo. O modelo da inversao do rito magico em rito judeu e o "sacrificio" de Isaac, que e "sacrificio" recusado, e que nao visa recompensa. E Abraao e o pai da "fe" no significado judeu, anti-romano, do termo, por ser ele modelo de comportamento absurdo.

Pois todo judeu que vive ritualmente esta encajado em revolucao permanente. Porque o paganismo tende a restabelecer-se continuamente. Continuamente o mundo vai se eternizando, fechando e tornando significativo, porque os homens tendem, continuamente, a agir em busca de recompensa e em fuga do castigo. O paganismo vai se reformulando constantemente em nosso torno, assumindo sempre formas novas. Por exemplo a forma do cristianismo, do humanismo, do cientifismo, do capitalismo, do socialismo. E, o que e pior: o proprio judaismo vai se paganizando constantemente. Os proprios judeus querem ser recompensados e temem serem castigados, e transformam seu Deus, esse Outro inteiramente diferente, em divindade paga que retribui e castiga. A vida ritual judaica e resposta revolucionaria ao paganismo em todas as suas formas, e em todas as epocas e todos os lugares.

Viver vida judaica e aceitar e assumir a linearidade da vida aberta para a morte, aceitar e assumir o absurdo. Viver assim e tarefa quase sobrehumana. E dificil resistir-se a tentacao de dar significado ao rito, de negar sua gratuidade, de "explicar" o rito racionalmente, afim de evitar a consciencia do absurdo. E mais dificil ainda e aceitar e assumir a morte enquanto horizonte absurdo da vida. A tentacao e grande de minimizar a morte, ao postula-la como um "fim", ou como uma passagem para outra forma de vida. Somente quem estiver inteiramente integrado no rito escapara, por instantes fugazes, a tais tentacoes de querer racionalizar seus atos, e de querer "esperar" por morte tranquila ou por recompensa celeste. Somente pessoa assim escapara, por instantes fugazes, ao paganismo.

A vida ritual judia expulsa os deuses do mundo, e com eles expulsa os valores. Doravante os valores sao alhures. No paganismo, os valores estao no mundo: "bom" e o que e bom para algo, (por exemplo: leva ao ceu), e "mau" e o que implica castigo, (por exemplo: leva ao inferno). No judaismo, os valores estao alhures: "bom" e o que e bom em si, e o ato bom nada visa, e "sua propria recompensa"; e "mau" e o que e mau em si, e o ato mau somente visa maldade. Isto e a diferenca entre crime e pecado: ato criminoso e ato que visa recompensa injusta, e sera punido; ato pecaminoso e ato que visa a pura maldade, pelo puro prazer da maldade. Pois tais valores "absolutos", "transcendentes", inteiramente inocuos para quem a eles recorre, sao valores absurdos. E quase sobrehumanamente dificil viver-se com tais valores: agir bem sem esperanca de recompensa, e evitar a maldade que nao sera punida.

Por sua essencia, o judaismo exige pois vida quase sobrehumanamente difficil. Mas a dificuldade desaparece para quem assuair o rito. A dificuldade, insuperavel pela reflexao, desaparece na praxis. No entanto, nao creio que seja possivel escolher-se livremente tal praxis. Nao me parece possivel alguem se decidir, depois de reflexoes como estas, de repente viver ritualmente. Porque vida absurda nao pode ser livremente deliberada. E vivivel apenas para quem nascer no seu contexto. Desconfio pois das "conversoes" atualmente em voga: nao se pode deliberar o absurdo. E isto me parece ser o problema fundamental da identificacao com o judaismo: nao pode ser deliberada, e se o for, cheira de inautenticidade. Fosso, por certo, identificar-me com o "povo" judeu, ou com a "cultura" judia, ou com o "destino" judeu, posso identificar-me com Israel, e, inclusive, posso identificar-me com a "religiao" judia, tomada como uma especie de cristianismo. Mas tudo isto sera vazio, fundamentalmente nao-judeu, se nao conseguir identificar-me com a vida ritual judia, o que me parece ser impossivel.

No entanto e util relembrar a essencia do judaismo, tal como a tentei esboçar neste artigo. Ajuda a captar o antisemitismo enquanto defesa da plenitude e do significado do mundo ameaçados pelo judaismo. Ajuda a captar a inautenticidade da maioria dos judeus, paganizados, que defendem um judaismo que essencialmente e anti-judaismo. Ajuda a captar o que perdemos ao nos termos afastado, (ou ao termos sido afastados), da essencia judia: a alegria espontanea de viver-se o absurdo.